

Mulheres exaustas: compartilhando estratégias de produção de cuidado ofertadas na relação universidade-comunidade

Bruna Moraes Battistelli

*Psicóloga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CAPES.
brunabattistelli@gmail.com*

Luciana Rodrigues

*Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS).
lurodrigues.psico@gmail.com*

Simpósio Temático nº 26 – MULHERES NA PANDEMIA DA COVID 19: CUIDADO DE SI, DOS CORPOS E DOS TERRITÓRIOS

Mulheres exaustas! Um imperativo de controle que governava corpos de mulheres muito antes da pandemia por COVID-19 e, que com a mesma, exacerbou as cobranças para mulheres mães e trabalhadoras. Desta forma, com este trabalho visamos discutir a partir de nossas experiências as possibilidades de uma política de cuidado que se dá desde os feminismos negros, principalmente a partir dos ensinamentos de bell hooks. Assim, mostramos em cenas cotidianas, o fazer de duas mulheres docentes (uma mulher negra e uma mulher branca), responsáveis pelo cuidado de uma criança de cinco anos e que passam a produzir, trabalhar, viver, cuidar desde o território da casa. Partindo de nossas experiências, problematizamos processos de opressão e de sistemas de privilégios que perpassam o autocuidado para mulheres, considerando seus diferentes corpos, experiências e cenários. Como estratégia de enfrentamento às políticas de dominação, narramos uma experiência de cuidado, acolhimento e escuta para mulheres trabalhadoras da rede de cuidado (assistência social, saúde e educação) ofertada pelo Coletivo bell hooks: psicologia e políticas do cuidado - do qual somos integrantes. Guiados pelo livro Tudo sobre o amor, de bell hooks, os encontros possibilitaram às participantes trocar suas histórias pessoais, profissional e de cuidado. Assim, pensarmos sobre como a exaustão é um fenômeno coletivo, vivenciado de formas variadas conforme os sistemas de opressão às quais somos expostas, é fundamental para que políticas de cuidado para mulheres não reproduzam processos de dupla responsabilização feminina (pelo sofrimento e por resolver suas dificuldades) nas esferas da vida privada e de trabalho.

Palavras-chave: Mulheres, Cuidado, Universidade, Feminismo.

ABSTRAT

Exhausted women! A control imperative that governed women's bodies long before the COVID-19 pandemic that exacerbated the burden on women mothers and workers. In this way, with this work, we aim to discuss, based on our experiences, the possibilities of a

care policy that starts with black feminisms, mainly from the teachings of bell hooks. Thus, in everyday scenes, we show the actions of two female teachers (a black woman and a white woman), responsible for the care of a five-year-old child and who start to produce, work, live, care from the house. Based on our experiences, we discuss oppression processes and privilege systems that permeate self-care for women, considering their different bodies, experiences and scenarios. As a strategy for confronting the policies of domination, we narrate an experience of care, reception and listening for women workers in the care network (social assistance, health and education) offered by the Collective bell hooks: psychology and care policies, that we are members. Guided by the book *All about love*, by bell hooks, the meetings of the experience we narrate allowed the participants to exchange their personal, professional and care stories. Thus, thinking about how exhaustion is a collective phenomenon, experienced in different ways depending on the systems of oppression to which we are exposed, is essential that care policies for women do not reproduce processes of female double responsibility (for the suffering and for solving their difficulties) in the spheres of private life and work.

Keywords: Women, Care, University, Feminism.

INTRODUÇÃO

De duas mulheres exaustas, para uma mulher exausta

Olá, bom dia!

Resolvemos te escrever uma carta, gostamos de como essas funcionam, de como com elas conseguimos pensar e escrever de uma forma endereçada, de corpo encarnado nas palavras. Queremos te contar como tem sido pelas bandas de cá viver e trabalhar, cuidar e pensar, alimentar e limpar, escrever e sobreviver desde que se iniciou a pandemia por COVID-19.

Te escrevemos a quatro mãos. Mãos de duas mulheres que trabalham na Universidade – Bruna, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS) é, também, professora substituta na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), uma mulher cis branca lésbica; Luciana é professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS e docente colaboradora do PPGPSI/UFRGS, uma mulher cis negra lésbica. Somos um casal e vivemos um bom pedaço do nosso relacionamento na pandemia. Somos responsáveis pelos cuidados do Apolo, filho de Luciana. Ele tem cinco anos (iniciou a pandemia com três anos, passou pelos quatro e chegou nos cinco ainda sem entender porque o Coronavírus ainda não foi embora), um

guri cheio de energia que precisou aprender a lidar com nossos trabalhos que passaram a acontecer dentro de nossa casa. Tu já experimentou dar aula com alguém cheio de energia em volta?

Imaginamos que tu deve estar pensando por que te contamos isso tudo de nossas vidas. A resposta é simples: é porque é desde nossas vidas, de nossos cotidianos que produzimos, que estudamos e que problematizamos as políticas de cuidado para mulheres. Estudamos os feminismos negros e contra-coloniais, principalmente os trabalhos de bell hooks (2017, 2019, 2021), e com ela aprendemos que o pessoal é político, que politizar é falarmos dos sistemas de opressão que nos subjetivam e oprimem, é falar das diferenças que nos acompanham. A pandemia nos mostrou que os privilégios de classe, gênero e raça precisam ser discutidos e problematizados. Vivemos em um país exaustivo e que não permite, por exemplo, que mulheres negras possam viver suas maternidades em paz. Como ter paz com notícias como as que chegam do Rio de Janeiro com chacinas que tem como principal foco corpos jovens negros? Como pensar em cuidado quando vivemos em um país com um número avassalador de mulheres chefes de família jogadas para a miséria e para a insegurança alimentar? Como ter sossego quando as notícias de adoecimento psíquico de mulheres próximas nos chegam aos ouvidos todos os dias? Não te contamos, mas somos psicólogas, interessadas em pensar práticas de cuidado que promovam saúde mental.

Vivendo em um período de pandemia, somos mulheres que tem alguns privilégios – pudemos ficar em casa, trabalhar em casa e manter o Apolo perto de nós por um bom período do isolamento social, temos renda e uma casa para morar; dimensões que não deveriam ser privilégios, que deveriam ser garantias, mas que cada vez mais tornam-se raridade. Ainda assim, o cansaço que nos toma, as noites mal dormidas, os sintomas de exaustão que vão nos acompanhando precisam ser problematizados e desindividualizados. Somos mulheres, estamos exaustas e estamos adoecendo por causa de um sistema colonial que nos tem sido imposto desde a chegada dos portugueses (MENESES, 2018), um sistema que socializou mulheres a aceitar que o cuidado das crianças é responsabilidade única e exclusivamente delas, que elas são responsáveis pelo casamento, pelo companheiro, pelo trabalho e quando adoecem, são responsáveis por este adoecimento.

Em meio a tudo isso, bell hooks, intelectual feminista negra, nos ajudou a atravessar esse tempo de pandemia, nos fez ver o poder das comunidades amorosas de

aprendizagem (hooks, 2017; 2021) e com ela fomos constituindo pequenos espaços de respiro em meio ao caos, em torno do interesse em pensar com bell hooks fomos reunindo outras mulheres trabalhadoras e estudantes universitárias que nutrem o desejo de uma universidade cuidadosa, amorosa e prazerosa. Foi, assim, que gestamos o cuidado em rede e o Programa de extensão chamado “Coletivo bell hooks: psicologia e políticas do cuidado”. Um programa que visa promover ações de extensão que constituam espaços de cuidado e acolhimento tendo como inspiração os ensinamentos da autora. Desta forma, nos encontrar em pequenos grupos, discutir os textos da autora, viver um pouco do amor como ela define e defende como projeto de mundo, foi inspiração para processos de cura para as feridas que a pandemia por Covid-19 foi abrindo em nossos corpos. Nos encontramos com trabalhadoras de políticas públicas para pensar o cuidado e o amor, assim como nos encontramos com estudantes para juntas alimentarmos o encontro com nossas vozes e, então, erguê-las o mais alto possível. Nos encontramos com estudantes de graduação para juntas/os pensarmos em como podemos transgredir. Enfim, nos encontramos com bell hooks e, com ela, alimentamos bem fundo em nossos corpos o desejo por relações amorosas de responsabilidade com nosso próprio crescimento e das/os outras/os.

Seguimos exaustas, confusas com o tempo que vivemos, pois o mundo segue em franco devastamento e, frequentemente, não percebemos assombro em quem nos rodeia frente a esse mundo. Será que deveríamos aceitar a devastação de uma forma tão resignada? Tem dias que temos vontade de gritar, de berrar bem alto com aquela pessoa que encontramos no supermercado com a máscara no queixo ou que cobre apenas a boca (mantendo o nariz descoberto); com aquele homem branco que insiste em dizer que o país vai bem; com aquela mulher idosa que faz questão de nos mostrar que não acha “normal” nossa família; com os cidadãos de bem que erguem suas bandeiras em carrões de luxo em um bairro nobre próximo e clamam por uma justiça pautada pela reprodução de violências, por lógicas coloniais, pela morte de milhares, da opressão de pessoas como nós.

Se apostamos em produzir conhecimento, intervenções, vida a partir da ética do cuidar é porque acreditamos que, assim como as feministas negras nos ensinam, precisamos disputar um projeto de mundo outro; um mundo no qual respeitemos a vida em suas diferenças, que entremos em rota de colisão contra o racismo e que possamos enfrentar os sistemas de opressão, transformando nossa raiva em linguagem e ação, como

nos convoca Audre Lorde (2020). Dói perceber toda uma série de mecanismos criados para culpar, responsabilizar e adoecer mulheres; nos adoecer perceber que o capitalismo neoliberal passa plenamente por nossas vidas, deixando rastros de morte física e psíquica. Persistir em grupos de acolhimento, na potência do estar juntas, assim, teve dupla função: nos ofertar espaços de cuidado e ofertar à outras mulheres uma acolhida cuidadosa.

Esperamos que tu também tenhas encontrado práticas de cuidado e suporte neste tempo que estamos vivendo. Quando puder, nos conte como tem sido por aí! Por hora, te desejamos redes de apoio, suporte e nossa admiração!

Um abraço, Bruna e Luciana

INTERLÚDIO

Uma carta sobre cansaços e depertar

Boa tarde!

Esse tempo que temos vivido, ainda em meio a uma pandemia que custa a passar, tem nos deixado exaustas, como te escrevemos na carta anterior. Há um cansaço que não passa, fico sempre pensando no que fazer para poder acordar de manhã e não sentir que precisaria dormir de novo para descansar de uma noite de sono que não foi restauradora; noites em que o trabalho vai até tarde, praticamente de segunda a segunda e nas quais, frequentemente no meio da madrugada, preciso levantar frente ao chamado de meu filho.

Esse cansaço parece algo que já está dado, que eu deveria entender como parte de como a vida é, entender que a vida é assim mesmo. Todas estamos cansadas, então para que falar disso né? A gente segue trabalhando, segue cuidando, então tá tudo bem – é assim que me soa o coro da universidade. Não de todas as vozes, mas daquilo que se institucionalizou nesse espaço e se tornou um *modus operandi* a partir das heranças coloniais que seguiram se atualizando em nosso contemporâneo.

Vozes que nos silenciam, sustentadas pela força de práticas e relações assentadas no racismo e no patriarcado. Da universidade, nascida de um projeto de mundo moderno-colonial, ainda hoje, em diferentes momentos, nos sussurram vozes que nos sopram que nossos lugares não são aqui. As vezes isso se dá pela forma como somos olhadas, pela forma como somos interpeladas, pela forma como volta e meia tentam desqualificar nossas falas, nossos trabalhos. E isso acontece não apenas pelo fato de sermos mulheres, mas por sermos mulheres negras, mulheres mães, mulheres lésbicas – há sempre uma

encruzilhada de avenidas que nos constituem (AKOTIRENE, 2019) e que esse mundo moderno-colonial insiste em constituir como avenidas marginalizadas e, portanto, lógica que também permeia um projeto de academia ocidentalizada (GROSFUGUEL, 2013). O que passam nossas irmãs mulheres trans? Com deficiência? Que tentam romper as amarras das políticas de dominação – supremacista branca, patriarcal e capitalista/imperialista, como evidencia bell hooks (2019) – com o próprio corpo no cotidiano dos espaços acadêmicos?

Pensar sobre essas questões é algo que revira as minhas emoções. Não há cara de paisagem que possa esconder como silenciamentos ligados as políticas de dominação nos agridem, nos violentam na universidade. Não há como ouvir uma estudante negra, que te conta sobre o racismo que sofreu sem sentir uma ebulição interna. Não há como ouvir de uma colega negra, que ela é constantemente ignorada nos espaços de trabalho sem sentir raiva. Ouvir de uma colega que também é mãe sobre o receio de falar sobre as implicações da maternidade em reuniões de trabalho. Ao menos para mim, não há como escutar tudo isso sem sentir um emaranhado de emoções gritando por passagem dentro de mim.

Essas mulheres que escuto em meu cotidiano e que também me escutam pelos espaços acadêmicos, seguem resistindo. Seguem apostando, seguem construindo trabalhos que possam se colocar na contraposição das violências que sofremos. Seguem construindo uma universidade outra. Seguem como nossas ancestralidades negras seguiram e nos ensinaram a seguir – resistindo, sonhando e construindo outros mundos possíveis em meio as lógicas coloniais.

Sabe, quando acompanho (e mais do que acompanhar) experencio ações como as que temos proposto no Coletivo bell hooks, de acolhimento, de uma escuta interessada, da partilha e de um efetivo desejo de autotransformação no e com o coletivo, de um cuidado com o crescimento de si com o crescimento de outra/o, é exatamente as vozes ancestrais que me chegam à escuta, sopradas por ventos distantes. O som de seus tambores que conversam sonhos, narra lutas e nos enviam coragem para seguirmos seus passos, sonhando e lutando por mundos outros para aquelas e aqueles que nos precederão.

Um abraço, Luciana

Se nos querem exaustas, que lutemos por práticas de cuidado

Oie!

Não sei como tem sido por aí, mas por aqui, não sei quando foi a última vez que dormi a noite toda, há sempre algo que atrapalha o sono, que interrompe a noite (as preocupações, os acordares do Apolo, algo que dói no corpo, etc). Dormir e dormir bem é um privilégio; ter tempo, dinheiro e espaço para práticas de cuidado é também um privilégio. Vivemos tempos em que as urgências de ordem econômica nos pegam pelo pé. Como dormir bem quando sabemos que há mulheres para as quais o grau de insegurança é tamanha que para elas é impossível dormir? Como descansar quando ofertamos para mulheres pobres, trabalhadoras, negras, trans, indígenas toda uma série de violências e inseguranças?

Não sei como tu vem sentindo o mundo, mas tenho aprendido que não dá para não o sentir de maneira que não seja crítica, que não seja de maneira política; e sentir é um ato político que nos permiti o exercício do indignar-se, para que possamos nos movimentar em busca de um mundo no qual as relações sejam mais respeitadas, em que o crescimento pessoal seja ordem do dia, em que a responsabilidade por si mesma e pelas outras pessoas oriente nossas práticas cotidianas. Se nos querem exaustas, se o projeto de mundo é baseado na exaustão de nossos corpos, precisamos de respostas de enfrentamento. Nossas batalhas são por espaços de cuidado, que sejam balizados pelo amor, pelo cuidado que suporta os conflitos que as diferenças de nossos corpos nos impõem. Ocupar a universidade, a partir dessa lógica, é um pressuposto ético que nos acompanha e nos alimenta, pois assim, vamos apostando não nos encontros burocráticos do dia a dia, mas na potência da relação, de um estar juntas em responsabilidade recíproca. Quais atividades em teu cotidiano buscam fortalecer teus processos de vida? Em quais atividades do teu cotidiano tu se sente tocada pelas relações que estabelece? Onde mora o cuidado em teu cotidiano?

Andar com mulheres como bell hooks, Audre Lorde, Luciana e tantas outras que me ensinam o cuidado como ética, como um olhar refinado para minha própria vulnerabilidade e dos corpos à minha volta, fazem com que eu me volte para pensar o cuidado em todas as relações que estabeleço: na docência, na pesquisa, na extensão, etc

Te deixo perguntas, pequenas indagações para alimentar tua caminhada. Me escreva quando possível. Um abraço, Bruna

NOSSAS FICHAS APOSTAMOS EM UMA SOCIEDADE AMOROSA

E assim, nos despedimos

Como tu estás? Esperamos que nossas cartas tenham chegado até ti com muito afeto. Foi assim que tecemos essa teia de correspondências. Imaginamos, por aqui, as narrativas dos teus cansaços, da correria do dia-a-dia, dos momentos de tristeza, assim como os momentos de alegria, de sorrisos soltos. Imaginamos o que te faz sorrir, como tu tens cuidado de ti em meio as exigências do trabalho acadêmico. Nós sorrimos com as pedrinhas miudinhas do nosso cotidiano: ler um texto que aquece nossos corações, cantar e dançar na sala com o Apolo como se não houvesse amanhã, lavar a louça vendo despreziosamente uma série (inclusive já vista – acontece muito por aqui), se juntando com outras mulheres que tem lutado por uma academia mais acolhedora, pautada em uma ética amorosa para construirmos um coletivo para produzirmos uma academia contracolonial, ali mesmo, em um dos braços da maquinaria de sustentação da colonialidade.

E se hoje, temos condições e oportunidades de nos juntarmos nessa aposta por uma academia cuja sustentação esteja assentada em uma política do cuidado, é porque mulheres que nos antecederam nos abriram caminhos. Mulheres como bell hooks, que nos convoca à exercícios críticos do mundo e de nossas próprias práticas; que nos convida a erguermos nossas vozes, a compreendermos que a ética feminista se encontra em lutar contra qualquer forma de dominação sobre a vida (hooks, 2019), que o amor é uma prática encarnada de elementos distintos e relacionados no exercício de nossas relações com nós mesmas, com as/os outras/os (hooks, 2021). Mulheres como Audre Lorde (2020), que nos inspira a sermos/estarmos inteiras em tudo aquilo que fazemos; a utilizarmos outras ferramentas que não as do senhor para derrubar a casa-grande.

Parafraseando a autora, não podemos ser livres enquanto outras de nós não o forem (LORDE, 2020). Se desejamos apostar e produzir uma academia e, portanto, uma sociedade onde os sistemas de dominação não sejam o esteio de nossas relações, torna-se impertativo, como bell hooks (201) nos propõe, que possamos nos voltar ao tema do amor. Não o amor romantizado, circunscrito ao campo dos sentimentos, mas o amor como prática na qual o que se coloca em jogo para sua produção é o desempenho concreto do

cuidado, afeto, reconhecimento, respeito, comprometimento e confiança – junto a uma comunicação aberta e honesta (HOOKS, 2021). Nesse sentido, a autora nos convoca a compreender que a prática do amor é fundamento para uma efetiva transformação social.

Isso nos faz de lembrar de um texto de Vinícius Silva e Wanderson Flor do Nascimento (2019) no qual, aliançados com as proposições de bell hooks (2021) e com a luta antirracista, nos convidam a pensar sobre uma política do amor para a construção do que nomearam como Sociedade do Amanhã – um outro modelo de sociedade pautado pela prática amorosa e que ofereça às pessoas negras outras experiências possíveis que não aquelas cotidianamente constituídas pelas violências do racismo estrutural.

Essa sociedade não existe e, por conta disso, ainda não tem nome, mas, audaciosamente, a chamaremos de sociedade do amanhã, na qual a prática do amor possa ser o esteio para relações das pessoas consigo e com as outras. Em que a política seja baseada em um desejo amoroso de que os encontros, mesmo quando atritados, não precisem ser destinados ao ímpeto de exterminar a figura do outro entendido como inimigo (SILVA e NASCIMENTO, 2019, p.176).

Já nos despedindo, cara companheira de percursos acadêmicos, gostaríamos de ofertar um verso cantado por Chico César (2019) que é título tanto de um de seus albuns, como título da canção que o carrega: “o amor é um ato revolucionário”. Seguimos desejantes de que tu possas encontrar redes feitas de afeto, trabalho e luta para que o horizonte da transformação social seja garantidor de uma outra sociedade possível – fudada em uma ética do amor, do acolhimento e do cuidado

Um abraço afetuoso, Luciana e Bruna

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 25-49, 2016.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Erguer a voz:** pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir:** A educação como prática de liberdade. São Paulo: WWF, Martins Fontes, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã outsider:** ensaios e conferências. Autêntica Editora, 2019.

MENESES, Maria P. Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, (especial), 115-140, 2018.

DA SILVA, Vinícius Rodrigues C.; DO NASCIMENTO, Wanderson Flor. Políticas do amor e sociedades do amanhã. **Voluntas:** estudos sobre Schopenhauer, v. 10, 2019.